

ENCONTRO DE GRUPOS DE
PESQUISA EM LITERATURA
DO CENTRO OESTE

*MEETING OF BRAZILIAN
MIDWESTERN RESEARCH
GROUPS IN LITERATURE*

**Frederico Fernandes
(UEL)¹**

O convite da professora Walnice Aparecida Matos Vilalva me instigou a fazer a seguinte pergunta: o que nos leva a deixar nossas casas para vir para Tangará da Serra, a 240 km de Cuiabá, para discutir possibilidades de convênio de pesquisa e formas de associativismo? O que há em comum entre pesquisadores de Vilhena, Cuiabá, Três Lagoas, Londrina e Tangará da Serra que os move num espírito de projeto comum? Penso que a resposta para estas questões está no local de onde falamos e também na nossa própria trajetória: fomos formados em universidades brasileiras classificadas entre as

¹ Doutor em Literatura pela UNESP-Assis e pós-doutorado pela Brock University- Canadá. É Coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina. fredericofernandes@gmail.com.

top 500 do planeta (e paga a pena mencioná-las, pois tem sido delas que têm saído, há mais de 3 décadas, as principais lideranças intelectuais da pesquisa em Letras e Linguística do País: USP, UNICAMP, UFRJ, UFMG, UNESP, UFRGS)², fomos aprovados em concursos públicos em instituições cuja pós-graduação se encontra em fase de afirmação /consolidação, fizemos o exercício de lideranças científicas em nossas IES, às vezes, assumindo cargos de coordenadores de Grupos ou Comissões de Pesquisa, Grupos de Trabalho junto a associações importantes como Abralic, Abralin e Anpoll ou de Programas de Pós-Graduação. Em resumo, protagonizamos um papel político da pesquisa no sentido em que Gramsci o percebe, como o exercício do intelectual orgânico, daquele intelectual que pesquisa e, na medida do possível, busca fazer a gestão do conhecimento.

E é esse exercício que nos leva a querer pensar numa relação associativa que não apenas nos legitime enquanto intelectuais de instituições que não aparecem no ranking das 500 universidades mais importantes do planeta, o ranking de Xangai, mas que anseiam por ter voz no centro de decisões das políticas da área de Letras e Linguística do País. E não é por acaso que a área tenha atualmente como seu coordenador junto à CAPES um professor da UFPB após uma longa tradição de uspianos, e haja três membros no comitê de assessoramento do CNPq (entre 8) vindos de IES como UFS, UFPE e PUC/RJ. Mas ainda é muito raro ver representantes de IES do Paraná ou do Mato Grosso, e quem dirá de Rondônia, ocupando representações, pois o “fora do eixo”, nesse caso, tem sido quando muito representado pelo Nordeste.

Entendo que a hegemonia de docentes advindos das 6 IES brasileiras (que não por acaso compõem o ranking de Xangai) à frente da CAPES, do CNPq como também das 3 mais importantes associações da nossa área no País (em que pese o fato de que a Abralic esteja atualmente em Belém, assim como a Abralin, e a ANPOLL na UFSC) é fruto de uma tradição associativa protagonizada por intelectuais pesquisadores da área que não merece ser menosprezada

numa reunião como esta. Parece-me importante observar que a área de Letras e Linguística desempenha um papel de pouca importância para o ranqueamento das 6 IES mencionadas, já que para este ranking é levado, principalmente, em conta o fator de impacto de artigos publicados – o fato H. E nós temos apenas 3 revistas brasileiras na área de Letras e Linguística com fator de impacto, segundo classificação do SJR de 2010: *Revista Alea* (classificada nas áreas de Linguística e Língua e de Literatura e Teoria Literária), *Delta* (somente na área de Linguística e Língua) e *Revista de Letras Unesp* (na área de Literatura e Teoria Literária). A leitura do Science Journal Reference (SJR) me levou às seguintes observações à época, resumidas aqui em 3 tópicos:

A área de Letras, Linguística e Artes apresenta indicadores muito inferiores à Odontologia e Educação nos níveis nacional, latino-americano e internacional.

Revistas conceituadas da nossa área não apresentam impacto de citação internacional, não sendo sequer classificadas.

Esse impacto não é alcançado porque a nossa pós-graduação é refratária ao diálogo com a comunidade internacional.

Voltando ao objetivo desta fala, se por um lado a nossa área parece contribuir pouco, por outro, há nas 6 IES, classificadas pelo ranking Xangai, uma tradição no fazer da pesquisa que capacita seus pesquisadores a protagonizarem lideranças científicas na área de Letras e Linguística do País. Assim, não se trata apenas de legitimar um discurso do “fora do eixo”, se este “fora do eixo” representar apenas a inserção do Nordeste na mesa já ocupada pelo Sudeste e pelo Rio Grande do Sul. O discurso do fora do eixo não deve apenas ter como argumento a difícil realidade em que vivemos, as enormes dificuldades que enfrentamos para estarmos onde estamos, o fato de que nos lamentamos em não protagonizar papéis políticos importantes, mas deve (e aí ele começa a se tornar atrativo para mim) pensar criticamente o nosso próprio fazer, a nossa prática de pesquisa, a maneira como, a nosso modo, faremos parte da história

da pesquisa em Letras e Linguística no País. Em outras palavras, enquanto o discurso do “fora do eixo” tiver um tom disjuntivo (do nós *V.S.* o eles), pouco estaremos contribuindo para o crescimento da área de Letras e Linguística no País e estaremos correndo o sério risco de trocarmos 6 por meia dúzia. Para mim, pensando em Alberto Moreiras e, também, em Giorgio Agamben, é somente na crítica da amizade, na interlocução aberta, franca de igual para igual com o outro, que se pavimenta o avanço benéfico a todos. É somente na amizade, como diria Agamben, que podemos pensar o fazer político. Se o que nos move é o desejo de sermos representantes no centro das decisões por acharmos que somos “o de fora”, então começamos nosso projeto da mesma maneira equivocada do que aqueles que hoje questionamos, mas se nosso desejo for o de ter voz, for o de apresentar-se para o debate, e se nossa atitude for a da amizade, aí sim teremos uma chance de fazer a subsunção da pesquisa em Letras e Linguística no País.

Volto para Tangará, estamos numa reunião, a meu ver, que nos inspira a amizade. Não se trata da amizade íntima e pessoal que muitos de nós demonstramos ter um com os outros devido aos vários anos de convivência. Para explicá-la recorro mais uma vez a Agamben: amigo é aquele que age pelo “consentir” e pelo “condividir”. O consentimento não é entendido como uma autorização, no sentido de que eu autorizo você a fazer, eu consinto, mas no sentido de “sentir com” e se eu sinto com o outro, torno-me capaz de compartilhar as angústias e prazeres, sou capaz de dividir o que tenho de melhor. O dividir não é uma relação generosa, não sou amigo porque sou bonzinho ao doar algo, mas porque acredito que se eu compartilho fortaleço o espírito comum, do qual também me benefico. E prestem atenção nessas duas palavras: espírito comum.

Lembro que Bachelard falava da diferença entre alma e espírito, enquanto a primeira dizia respeito a uma essência, o segundo dizia respeito a um modo de ser, uma forma de estar e agir no mundo. Volto com a questão inicial, agora reconfigurada, qual é o

nosso espírito comum aqui em Tangará nesse dia 06 de setembro?

Não é o ato de assinatura de um convênio. Concordo que ele dará uma legitimidade institucional a nossas ações, mas ele não é o espírito que buscamos. A pergunta que me faço é como podemos criar espaços propícios para a convivência? E vejam que a criação destes espaços pode funcionar como uma estratégia para sair da lógica perversa e competitiva que a CAPES/CNPq nos empurram. Aí me parece que as redes colocam-se como uma possibilidade para realização do espírito comum de que falo. Mas é necessário que, para tanto, pensemos isso conjuntamente.

Para falar de rede, recorro a um biólogo aposentado da UEL, o prof. Luiz Carlos Bruschi, que publicou um livro intitulado *A rede autopoietica*, no qual busca uma compreensão da Biologia não a partir de uma ordem evolucionista das espécies, mas como uma colaboração entre elas. A seu ver, a variedade de seres é fundamental para a trama da rede da vida porque o princípio de evolução não reflete a adaptação da espécie apenas para a sobrevivência de si, mas a da outra. Como ele observa: “A organização da vida é feita em rede, não havendo organismos vivos que não mostrem formas de associação interna e com o meio que os circunda; os organismos vivos são sistemas abertos que trocam matéria e energia com o meio, mantendo-se íntegros à custa do aumento da desordem térmica desse último, e permanecem em constante autoconstrução.”

Fica subentendido na apresentação do livro do prof. Bruschi que a rede vai se caracterizar pela amplitude, pela diferença e pela interseção entre os seres nela envolvidos. No caso do conhecimento científico, a constituição de redes não é algo inusitado e talvez as duas iniciativas mais conhecidas do século atual sejam o acelerador de partículas LHC, que ocupa 27 km de subterrâneo na fronteira entre a França e a Suíça, e o Projeto Genoma. Sobre este último, ele foi proposto no ano de 1987, após 15 anos de preparação, pelo Departamento de Energia do Governo dos Estados Unidos. Teve por principal objetivo detectar a composição química do DNA

humano. A sequência do genoma humano foi declarada completa em 2003. O projeto recebeu aporte de 3 bilhões de dólares durante sua fase de implantação. Para tanto, foi criado um consórcio com o Reino Unido, Austrália, Japão e França, envolvendo pesquisadores geneticistas de outros países. (a respeito ver, DeLisi, Charles (1988). The Human Genome Project. *American Scientist* 76: 488.)

Mas estas redes parecem ser muito distantes de nossa realidade local e também de nossa área de conhecimento. Além de nunca termos ouvido falar em projeto de 3 bilhões de dólares, há na constituição delas um princípio contributivo (e vejam que não estou falando de impostos), no qual é delineado um objetivo comum responsável por envolver cientistas de várias partes do mundo. Desse modo, a contribuição, por meio do trabalho de formiguinha de cada um, vai levar ao cumprimento de uma meta que parece encerrar a rede ao ser definida.

Nós, das Letras e Humanidades, ao contrário, constituímos redes a partir de um princípio rizomático em que um tema se liga a outro, e a outro e assim por diante. Não fiz o levantamento da média de idade dos 42 GTs das ANPOLL, mas seria curioso saber disso, pois os GTs são redes de pesquisadores que parecem ter longos anos de vida. O qual participo, por exemplo, tem certamente mais de 20 anos de duração, só eu sou filiado a ele há pelo menos 15 anos. O Atlas Linguístico do Brasil (ALIB), uma rede de pesquisadores da variação lexical e linguística, possui mais de 10 anos de existência e é constituído por pesquisadores que revistam a variação e promovem o mapeamento contínuo das variantes regionais.

Outra característica de nossas redes, e aí estou trazendo o debate para o Centro-Oeste, é que às vezes elas se constituem por critérios geopolíticos, como por exemplo, a Rede CO3. O princípio regional proposto pela CO3 é muito significativo se pensarmos o debate inicial sobre estratégias de legitimação de pesquisas fora do eixo. E me parece que a fala de seus participantes vai muito nesta

direção. Ainda sobre a CO3, ela se abre para além da área de Letras e Linguística e promove o debate inter e multidisciplinar.

A inter e multidisciplinaridade torna-se um grande entrave quando a constituição de rede em nossa área é pensada a partir dos Grupos de Trabalho da ANPOLL que, em seu regimento, inibe a participação de filiados que não pertençam a programas de Letras e Linguística.

Este é um grande problema enfrentado pelo GT de Literatura Oral e Popular que, para superá-lo, criou a Rede Cartografia de Poéticas Oraís. Esta rede foi gestada por 4 anos antes de se tornar um projeto. A rede Cartografia tem por objetivo colocar o pesquisador da poética oral frente a diferentes correntes de pensamento e também provocar o diálogo entre elas. Permite a ele ter um olhar crítico sobre o seu próprio fazer de pesquisador, de modo a pensar conceitos e formas de relacionamento com seu objeto de pesquisa. Vista nesta perspectiva, uma abordagem cartográfica acolhe diferentes olhares críticos em torno da poética oral e propicia o debate regional em torno de ideias. A rede de pesquisadores é nacional, constituída em torno do tema poéticas orais, em que cada nó é formado para a compreensão teórico-crítica de textos poéticos orais.

A rede possui vários produtos, entre eles, cabe mencionar a *Revista Boitatá* e o Portal de Poéticas Oraís.

Pensando em específico no Portal de Poéticas Oraís, ele tem por objetivos:

Sair do eixo criando espaços alternativos para produção e circulação da cultura acadêmica voltada para a pesquisa em poéticas orais. Isso implica esclarecer preconceitos sobre o objeto na própria academia e enfrentar discursos que visam --deslegitimar a poesia oral em meio ao texto poético impresso.

Promover o diálogo entre pesquisadores de diferentes instituições, mediado pela crítica da amizade explicitada acima.

Criar mecanismos para a integração e cooperações entre pesquisadores em seus projetos de pesquisa. Isso é ainda o grande desafio que se coloca para nossa rede.

Compartilhar e ajustar referenciais teóricos, bem como criar um canal para disseminação e referência de busca de trabalhos de pesquisa na área.

Fundamentar o saber produzido numa abordagem holística e gerar produtos que atendam aos anseios das comunidades por nós pesquisadas. Afinal, qual é a função última do pesquisador, apenas escrever teses, dissertações e artigos?

Acredito que a Rede Cartografia de Poéticas Orais, ao colocar em tela especificidades de um produção poética que ainda luta pela sua legitimação nos meios acadêmicos na área de Letras, está também constituindo uma forma de associação e de relacionamento com a pesquisa específicos, isto é, diferente das formas mais tradicionais de associação da qual somos herdeiros e que no melhor sentido nietzschiano (se é que podemos chamá-lo de melhor) agimos para superá-la.

Nota

² Trata-se do ranking de Xangai, divulgado no último mês de agosto de 2013, que pode ser acessado pelo endereço: <http://www.shanghairanking.com/ARWU2013.html>